

# Rascunho da COP traz pontos polêmicos

Esboço do texto final sugere duas alterações no Acordo de Paris: mudar para 2022, em vez de 2025, o prazo para se atingir as metas de corte de emissões e revisar anualmente, não mais a cada cinco anos, os compromissos de cada país

» PALOMA OLIVETO

Dois dias do encerramento da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de Glasgow (COP26), a presidência do evento divulgou o rascunho do texto final, que precisa ser aprovado por unanimidade pelos 196 signatários do Acordo de Paris na sexta-feira. O texto traz duas novidades em relação ao redigido há seis anos, que prometem polêmica nas mesas de negociação. O documento sugere que o prazo para se atingir as metas de corte de emissões seja 2022, em vez de 2025. Além disso, abraça a proposta dos países mais vulneráveis aos efeitos do aquecimento global: a revisão anual, e não mais a cada cinco anos, das contribuições nacionalmente determinadas (NDCs), ou seja, o compromisso que cada nação assumiu para fazer valer o que foi acordado na capital francesa, em 2015.

O Acordo de Paris diz que se deve chegar ao fim do século com um aumento máximo da temperatura em relação aos níveis pré-industriais de 2°C e, se possível, 1,5°. Com essa finalidade em mente, os signatários têm de apresentar, até 2030, suas NDCs, revendo o nível de ambição a cada cinco anos. Depois dessa data, dependendo do cenário, serão estabelecidas novas metas. Porém, seis anos depois do documento, o que foi feito até agora e o ritmo com que as ações têm sido colocadas em prática apontam para um aquecimento de 2,4°C a 2,7°C. As consequências serão catastróficas, conforme relatórios científicos recentes. Além disso, o mundo está emitindo mais carbono, e não reduzindo, como era o esperado.

Desde o início da COP26, o grupo dos pequenos Estados insulares em desenvolvimento, formado por países como Nova Guiné e República Dominicana, insistem que a revisão das NDCs seja anual. Uma ideia que tem a simpatia do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, que tem reiterado, em seus discursos, que o ritmo das ações para o cumprimento do Acordo de Paris é incompatível com o objetivo traçado.

Ontem, na abertura das sessões do evento, em Glasgow, o presidente da COP fez um apelo aos negociadores: "Estamos avançando,

## Condições iranianas

O Irã não pretende ratificar o acordo climático de Paris, aprovado em 2015, enquanto as sanções internacionais em decorrência do seu polêmico programa nuclear forem mantidas, disse o chefe da Agência de Proteção Ambiental, Ali Salajegheh. "Para que o Irã assinasse e se comprometa, a primeira condição é que essas sanções opressivas sejam levantadas", disse, à margem da COP26.



**Estamos avançando, mas ainda temos uma montanha a escalar nos próximos dias"**

**Alok Sharma,**  
presidente da COP26

mas ainda temos uma montanha a escalar nos próximos dias", disse o britânico Alok Sharma. "O que foi comprometido coletivamente (até agora) atende até certo ponto, mas certamente não para manter a meta de 1,5°C ao alcance. A lacuna da ambição diminuiu." Embora o encerramento oficial da conferência seja na sexta-feira, a expectativa das delegações é de que se estenda por mais tempo, possivelmente continuando até a próxima semana. O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, voltou a entrar em cena em Glasgow para acompanhar de perto as negociações finais.

## Cenário piorado

A antecipação da data para corte de emissões também é um apelo

## Deserto de Atacama abriga lixão ilegal de roupas

AFP



O Deserto do Atacama se transformou em um lixão clandestino de roupas produzidas e vestidas em diferentes partes do mundo. Ao menos 39 mil toneladas de peças usadas

de temporadas antigas não aproveitadas pararam ilegalmente em uma área de Alto Hospicio, ao norte do Chile, onde demorarão cerca de 200 anos para se desintegrar. O país

é o maior importador desse tipo de roupa na América Latina — recebe, por ano, cerca de 59 mil toneladas. Há um forte comércio dessas peças na zona franca norte, mas aquelas que sobram não

podem passar pela alfândega e têm, muitas vezes, como destino o descarte ilegal. Os fardos têm como origem principalmente os Estados Unidos e países da Europa e da Ásia.

dos Estados insulares e de outros países em desenvolvimento. Segundo cientistas, é preciso reduzir em 45% o lançamento de gases de efeito estufa ainda nesta década para que o limite de 1,5°C seja viável. Embora o Acordo de Paris também aceite o aumento de 2°C, os cenários apontados por modelos climáticos são piores do que os de seis anos atrás, o que tem feito com que delegados e organizações não governamentais peçam para não se extrapolar 1,5°C. A meta parece cada vez mais longe — na terça-feira, a ong Climate Action Tracker indicou que as NDCs apresentadas até agora colocam o planeta no caminho dos 2,4°C.

"Estamos longe de nosso objetivo de limitar o aquecimento global a 1,5°C, e a ciência nos diz que

qualquer coisa acima disso terá impactos ainda mais catastróficos sobre as pessoas e a vida selvagem", reagiu o assessor climático da WWF Internacional Stephen Cornelius. "O tempo está se esgotando. Os líderes devem ouvir as pessoas nas ruas que pedem ação, não palavras, se comprometer em Glasgow a aumentar drasticamente a ambição de seus planos de ação climática e apresentar ações confiáveis, políticas poderosas e financiamento ambicioso agora."

## Carvão

O rascunho do documento final da COP traz outra novidade em relação às conferências anteriores: pela primeira vez, pede que os países "acelerem a eliminação do

carvão e dos subsídios aos combustíveis fósseis". Embora não mencione nominalmente o petróleo e o gás, o trecho foi considerado um avanço por Lola Vallejo, diretora do programa climático do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais, de Paris. Ela, contudo, não está otimista. "Há poucas possibilidades de que isso se mantenha no texto final", disse à agência France-Press de notícias (AFP).

Outro ponto do rascunho em consonância com as reivindicações dos países em desenvolvimento é a ampliação do financiamento para que as nações mais pobres se adaptem aos efeitos das mudanças climáticas. O texto pede a duplicação do dinheiro, embora existam poucas expectativas

de que isso vá ocorrer. Dos US\$ 100 bilhões anuais que deveriam ter sido depositados no ano passado, ainda faltam 20%.

Para Tracy Carty, chefe da delegação da Oxfam Internacional na COP26, o "texto é muito fraco". Ele falha em responder à emergência climática enfrentada por milhões de pessoas que estão vivendo com condições climáticas extremas sem precedentes e sendo empurradas para a pobreza. Não inclui um compromisso claro e inequívoco de aumentar a ambição das metas de redução de emissões para 2030 no próximo ano para manter (o objetivo de) 1,5°C vivo. As emissões estão aumentando, não diminuindo, e os compromissos atuais estão muito longe de manter essa meta ao alcance", opina.

# China e EUA fecham acordo para "fortalecer ação climática"

Em um anúncio que pegou de surpresa delegados e negociadores da COP26, em Glasgow, os dois principais emissores mundiais de CO2 assinaram, ontem, um acordo conjunto. China e EUA, responsáveis por 40% do carbono lançado na atmosfera, "fortalecerão a ação climática", segundo o enviado especial chinês para o clima, Xie Zhenhua "Ambas as partes reconhecem que há uma lacuna entre os esforços atuais e os objetivos do Acordo de Paris. Por isso, vamos reforçar em conjunto a ação climática", afirmou em entrevista coletiva.

Xie explicou que o acordo inclui "planos concretos" ao longo desta década e que Pequim e Washington estão empenhados em "trabalhar para finalizar o código de regras" do Acordo de Paris de 2015, um dos objetivos das negociações em Glasgow. "China e Estados Unidos, as duas superpotências mundiais, têm que assumir



**Compromisso inesperado foi anunciado por Xie Zhenhua e John Kerry: países respondem por 40% do carbono lançado na atmosfera**

a responsabilidade de trabalhar junto com outras partes no combate às mudanças climáticas", acrescentou.

## Metano

Pouco depois, o enviado especial dos Estados Unidos,



John Kerry, tomou o pé, saudando um "roteiro que visa definir "como vamos limitar o aquecimento e trabalhar

juntos". Em particular, o documento menciona uma redução significativa nas emissões de metano, um gás de efeito

estufa até 80 vezes mais poderoso que o CO2. Xie garantiu que esse novo plano conjunto foi executado após 30 reuniões virtuais durante 10 meses.

Kerry e Xie expressaram a esperança de que esse acordo impulsione as negociações em Glasgow, onde os quase 200 países que assinaram o Acordo de Paris de 2015 devem concordar em novas metas para combater o aquecimento global. Pouco antes, o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, havia pedido um "impulso decisivo" para fechar as negociações até sexta-feira, quando termina oficialmente a COP26.

Após o anúncio, o secretário-geral da ONU, António Guterres, elogiou o acordo entre os países "para trabalharem juntos a fim de tomar medidas climáticas mais ambiciosas durante esta década". Ele enfatizou, no Twitter, que enfrentar a "crise climática requer colaboração e solidariedade internacional".